

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (LE) NO 1º E 2º GRAUS

LÚCIA FULGÊNCIO
Universidade Federal de Minas Gerais

Vou iniciar as minhas considerações a partir de um comentário que eu ouvi uma vez. Disseram:

"Para que ensinar língua estrangeira em escola de periferia, para aqueles meninos pobres e desnutridos, para aquele bando de pivetes, se eles nunca vão sair do Brasil mesmo?"

Esse comentário revela algumas idéias que andam por aí a respeito do ensino e aprendizagem. Há pelo menos duas pressuposições subjacentes a esse comentário: (a) em 1º lugar, que a gente estuda alguma coisa *para* fazer alguma outra coisa, isto é, que o ensino em geral tem finalidades práticas, e que a gente estuda objetivando uma aplicação na vida quotidiana - e isso é falso; (b) em 2º lugar, que a finalidade prática do estudo de uma língua estrangeira *resume-se* no fato de ela permitir a comunicação no país onde aquela língua é falada - e isso também é falso.

Vamos então comentar essas duas idéias e ver porque elas são completamente equivocadas.

Vamos iniciar pela última idéia, isto é, a de que a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) tem como único objetivo a comunicação entre os indivíduos, no exterior. Evidentemente, esse é um objetivo reconhecido, legítimo, mas certamente não é o único. Quais seriam então os outros objetivos do estudo de uma LE? Enfim, para que estudar LE?

Em primeiro lugar, há certamente as finalidades práticas, dentre as quais a de favorecer as relações pessoais, permitindo que as pessoas expressem suas necessidades e se comuniquem com indivíduos que falam outras línguas - como em situações de turismo, por exemplo, reconhecidas anteriormente.

Mas mesmo em se tratando de utilizações práticas, o domínio de uma LE tem ainda aplicações em outros âmbitos. Por exemplo, o conhecimento de línguas estrangeiras permite a multiplicação de intercâmbios no mundo, torna possível o estabelecimento de contatos diversos, como por exemplo as relações comerciais entre os países e as relações políticas a nível internacional.

Uma outra finalidade prática altamente importante consiste no fato de as línguas estrangeiras propiciarem o acesso à bibliografia. São elas que permitem o intercâmbio científico, possibilitam o recebimento e a difusão de informações e promovem a troca de experiências de conhecimentos a nível mundial. É importante lembrar que não é possível produzir conhecimento sem o acesso à informação, sem o acesso à bibliografia. Nesse sentido o domínio de línguas estrangeiras exerce um papel crucial, porque permite a difusão do conhecimento produzido no mundo e, conseqüentemente, o desenvolvimento da cultura, o avanço das ciências e desenvolvimento de pesquisa.

Em segundo lugar, além das finalidades práticas, o domínio de línguas estrangeiras tem finalidades culturais indiscutíveis: permite uma melhor visão e compreensão do mundo, dos povos e de suas culturas. Isso porque, como se sabe, a aprendizagem de uma LE implica não somente na aprendizagem da "gramática" dessa língua, mas também no contato com uma civilização diferente, com outros hábitos e outras ideologias.

Além disso, o confronto com uma realidade permite ao indivíduo a identificação dos elementos culturais próprios, a individualização de características específicas do seu povo e a inserção desses aspectos num quadro de referências

mundial; quer dizer, a partir da contraposição fica mais fácil perceber não só as características do outro povo, mas também o que é específico da cultura do aprendiz, estimulando a formação da identidade cultural.

Enfim, a aprendizagem de uma LE é um meio de formação pessoal geral, de aumento de conhecimentos, de ampliação cultural e de enriquecimento pessoal.

Há ainda razões menos óbvias, mas certamente não menos importantes — que são as finalidades **formativas**. Essas razões relacionam-se ao aspecto de formação pessoal global do indivíduo, de estimulação do raciocínio, de formação intelectual e de desenvolvimento de habilidades intelectivas.

É preciso lembrar, antes de mais nada, que a aprendizagem de uma língua é uma atividade altamente complexa: implica numa mudança de condicionamentos fonéticos e fonológicos (isto é, na aprendizagem de novos sons e de regras fonológicas diferentes); implica numa mudança de hábitos estruturais (o aluno entra em contato com um padrão de organização formal diferente daquele da língua materna); e implica no contato com um sistema novo de representação da realidade.

Vamos explicar esse último ponto: observe-se que cada língua possui um sistema próprio de divisão e catalogação do que é percebido. Por exemplo, em russo a delimitação das cores do arco-íris não é estabelecida em sete unidades, como no nosso sistema, mas as cores são agrupadas em unidades diferentes; em italiano existem dois itens léxicos para representar uma única unidade semântica do português, a do verbo “perder” — que é expressa em italiano ou pelo verbo “perdere” ou por “smarrire”, dependendo se a perda é definitiva ou não; em português pode-se quebrar um vaso ou uma promessa, mas não se pode estabelecer a mesma relação em francês, por exemplo. Aprender uma LE implica então em aprender também uma nova maneira de ver o mundo, em criar na mente conceitos semânticos que não existiam antes, em aprender uma nova possibilidade de recortar o mundo dos conceitos e de representar a realidade percebida.

O estudo de uma LE também contribui para a reflexão sobre a linguagem em geral e sobre a língua materna, na medida em que possibilita a comparação de sistemas lingüísticos diferentes. Além disso, quando um aluno estuda uma LE ele está trabalhando com a linguagem, assim como quando trabalha com a língua Portuguesa: ele está atento à adequação de determinadas construções, à clareza de exposição, e tudo isso exercita o senso lingüístico do aluno e contribui para a reflexão e um melhor desempenho na própria língua materna.

A aprendizagem de qualquer LE contribui para o estímulo intelectual e o desenvolvimento do raciocínio, uma vez que a linguagem é uma atividade predominantemente mental, que pressupõe não somente a formação de automatismos, mas envolve também raciocínio, exige a concatenação de idéias e o encadeamento lógico do pensamento, o estabelecimento de inferências, envolve habilidades de dedução, de análise, além de memória. Quando aprendemos uma LE estamos exercitando a mente e desenvolvendo o intelecto ao trabalharmos com a elaboração de idéias dentro de um sistema de regras específico.

Esse estímulo intelectual do raciocínio — e não exclusivamente as aplicações práticas — é justamente um dos objetivos principais do ensino de 1º e 2º Graus.

E aí voltamos àquela primeira idéia mencionada no início — a de que se estudaria uma disciplina no 1º e no 2º Graus *para* alguma aplicação prática — e que dissemos que era falsa. Eu pergunto: para que serve o estudo das equações matemáticas, dos logarítmicos, dos problemas de química, das taxonomias da biologia? Para que saber, digamos, como era o sistema social de Esparta, que se estuda em História, ou a vegetação de certa região da Europa? Quando é que utilizamos esses conhecimentos no dia a dia? Na vida quotidiana das pessoas em geral, a aplicação prática desses conhecimentos é praticamente inexistente — mas nem por isso ninguém pensaria em eliminar esses conteúdos do 1º e 2º Graus.

Na verdade, esses estudos não têm uma função imediatista e de utilização na vida quotidiana, mas são feitos com vistas ao desenvolvimento do raciocínio (como na matemática), ao desenvolvimento de habilidades de observação da realidade e de ordenação e classificação dos aspectos percebidos (como na biologia ou na química), para um melhor conhecimento do homem e do mundo (como na geografia e na história) e do saber acumulado pela humanidade (como em todas as disciplinas). Em suma, esses estudos exercitam a mente, estimulam a formação de hábitos intelectivos, esclarecem aspectos da organização do mundo, e desenvolvem a curiosidade e o desejo de compreender cada vez mais o homem e os fenômenos que nos cercam. Esses são os objetivos primordiais do ensino de 1º e 2º Graus. Na verdade, ninguém estuda a geografia da Noruega para um dia ir lá — e esse mesmo raciocínio deveria valer para o estudo das línguas estrangeiras.

Como já mencionado, as línguas estrangeiras, igualmente, desenvolvem o raciocínio, trabalhando com a observação dos dados (que são os modelos linguísticos aos quais o aluno é exposto), com operações de análise, de síntese e de generalização, e exercitando a concatenação lógica de idéias. Além disso,

forneem informações de caráter cultural, a respeito de outras civilizações com seus próprios hábitos, com uma história e ideologia diferentes.

É bom salientar que no sentido formativo (de desenvolvimento do raciocínio) e também no sentido cultural (de ampliação de conhecimento a respeito do mundo), a aprendizagem de qualquer LE é igualmente importante: todas as línguas têm as mesmas potencialidades formativas e de enriquecimento cultural.

Além desses objetivos do ensino de 1º e 2º Graus que foram mencionados (desenvolvimento do raciocínio, de habilidades de observação e descrição dos fatos, e melhor compreensão do mundo), o ensino de 1º e 2º Graus parece ter também a intenção de oferecer aos estudantes um arsenal de conhecimentos que possa depois ser útil em futuros estudos universitários. Assim, a matemática é importante para a engenharia, a química para a farmácia, e assim por diante. E o que dizer das línguas estrangeiras? Como já vimos, o conhecimento das línguas estrangeiras favorece o acesso à bibliografia e a difusão das informações. Sem o acesso ao material publicado no exterior, e portanto sem o conhecimento de línguas estrangeiras não se faz ciência. Portanto, o conhecimento de línguas estrangeiras é certamente um instrumental precioso para o aprofundamento dos estudos, não só no curso de Letras, mas em qualquer área.

A conclusão a que chegamos, portanto, é a de que estudo de línguas estrangeiras enquadram-se estritamente dentro dos objetivos do ensino de 1º e 2º Graus.

Para finalizar, vamos voltar ao comentário inicial: será que se estuda uma língua estrangeira *para* ir num determinado país? Depois de tudo o que foi dito a resposta é óbvia, mas vamos resumir: porque estudar LE? qual a importância do estudo de LE no 1º e 2º Graus? A resposta é: o estudo de línguas estrangeiras é importante (para qualquer tipo de estudante) porque: (a) atende a diversas finalidades práticas (e não somente a de comunicação no exterior); (b) atende a finalidade culturais, de maior conhecimento sobre a linguagem e sobre o mundo; (c) atende a finalidades formativas, de desenvolvimento de habilidades de observação e de raciocínio; (d) constitui um instrumental importante para o prosseguimento de estudos em qualquer área, porque permite o acesso à bibliografia — e o acesso à bibliografia favorece a obtenção e a transmissão da informação, permitindo assim o avanço da pesquisa e do conhecimento, e o progresso do mundo.